

EDUCAÇÃO. Docentes admitem a possibilidade de perda do semestre letivo e estudantes se preocupam

GREVE NA UFAL COMPLETA TRÊS MESES E CAUSA PREJUÍZOS

Cerca de 25 mil alunos estão sem aulas devido à paralisação de professores e técnicos-administrativos

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

A greve dos docentes da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) completou 90 dias, na última sexta-feira. Agravada pela greve dos técnicos administrativos, que ontem completou dois meses, a paralisação deixou um verdadeiro exército sem aulas – cerca de 25 mil jovens, entre alunos de graduação e pós-graduação dos três campi – em Maceió e no interior – e dos cursos de Educação a Distância.

Somam-se a eles ainda cerca de 1.500 professores e 1.400 técnicos-administrativos, os primeiros parados desde o dia 17 de maio, e os demais desde o dia 18 de junho.

Dispersos, os jovens estudantes aproveitam como podem esse tempo livre. Alguns participando ativamente do movimento, ou-

tros colocando a leitura em dia ou adiantando trabalhos complexos, como os trabalhos de conclusão de curso (TCCs), dissertações e pesquisas. Há os que aproveitam o tempo para estudar para concursos e os que simplesmente cansaram de esperar e começaram novo curso em universidades particulares.

É certo que a maioria entrou mesmo em clima de férias, aproveitando para ir à praia, ao cinema e às baladas com os amigos, porque ninguém é de ferro. Mas, entre todos eles, mesmo os que estão aproveitando o tempo livre para o lazer ou os que estão engajados no movimento, já há um sentimento revelado nas conversas ao vivo e em postagem nas redes sociais: a preocupação de que o prolongamento da greve possa comprometer o semestre letivo.

Em assembleias realiza-



GILBERTO FARIAS

Grevistas não aceitaram proposta do governo, alegando que ela aprofunda as distorções que existem entre os níveis da carreira, e seguem com a paralisação

das na semana que passou, para avaliar propostas do governo, professores e técnicos administrativos decidiram manter a greve. Situações como os princípios estabelecidos para a progressão da carreira, propostos pelo governo, não agradaram. “Não há uma lógica nos parâmetros estabelecidos. A proposta do governo

aprofunda ainda mais as distorções que existem hoje entre os níveis da carreira”, diz Irailde Correia, diretora do Sindicato dos Docentes da Ufal (Sindufal), justificando a decisão de manutenção da greve.

Com isso, a perda do período letivo é uma hipótese já admitida pelos docentes, embora encontre resistência na comunidade

estudantil. “Não é uma boa estratégia cancelar o calendário. Os estudantes compreendem como justa a motivação da greve e estão no apoio. Mas não concordamos com a perda do período letivo. Tem que se discutir essa questão”, diz a líder estudantil Mona Spinassé, defendendo que após o encerramento da greve o calendário seja

atualizado e as atividades do semestre continuadas até a conclusão.

Mas isso é o Conselho Universitário quem decide, e só poderá fazê-lo quando a greve for declarada oficialmente encerrada. Quando foi iniciada, o calendário do período letivo estava a 40 dias de ser concluído. ☺

Leia mais nas páginas D2 e D3